

Esclarecimento da UCP: Repor a verdade sobre a Faculdade de Medicina da UCP



A 15 de Outubro de 2018 a Universidade Católica Portuguesa (UCP) submeteu à A3ES uma proposta para a criação de uma nova Faculdade de Medicina em Portugal. A proposta apresentada garante a elevada qualidade de ensino que a UCP tem ministrado em todas as áreas de estudo que oferece. No entanto, a comunicação recente da Ordem dos Médicos coloca em questão esta qualidade, baseada em quatro objeções infundadas. Torna-se, assim, importante rever os factos e números que constam na proposta porque diferem daqueles que foram comunicados pela Ordem. É importante também recordar que a nova Faculdade de Medicina da UCP vai aplicar, após adaptações à realidade portuguesa, o currículo da Universidade de Maastricht, com quem tem uma estreita colaboração, sendo este acreditado pela agência de acreditação holandesa. Este currículo, altamente conceituado e considerado pela Comissão de Avaliação da própria A3ES como “*exemplar*”, distingue-se dos currículos tradicionais por ter uma abordagem mais prática e integrada desde os primeiros anos.

1. Horas de contacto com os doentes

No total estão previstos o correspondente a **81 ECTS para contacto clínico e não 24 como publicado no artigo do Público de 30 de Agosto**. Este modelo, já testado na Universidade de Maastricht, produz médicos com um elevado grau de competência clínica, confiantes das suas capacidades e gerando bons graus de satisfação por parte dos pacientes e dos seus superiores hierárquicos

Próprio de um curso de cariz prático, pese embora a importância que a investigação científica terá neste projeto da UCP, o contacto com os doentes começa no 3º ano do curso, durante o qual estão dedicadas 120 horas para contacto com pacientes. Os 4º e 5º anos são compostos pelas rotações clínicas, durante as quais estão dedicadas 1.632 horas para contacto com pacientes, dentro das mais importantes especialidades, nas quais os estudantes estão completamente integrados nas equipas médicas. Não haverá mais do que dois estudantes em cada equipa, garantindo assim uma participação muito ativa na vida diária das equipas médicas e um contacto próximo com os doentes. Assim, das 1.680 horas de trabalho anuais previstas em cada um destes dois anos, cerca de 800 horas em cada ano, estão destinadas a contacto clínico (49%). Finalmente, no 6º ano, um semestre inteiro, representando 540 horas de trabalho dedicadas ao contacto com pacientes, está contemplado um estágio clínico.

No total, ao longo de quatro anos do curso (do 3º ao 6º ano) os estudantes terão 2.292 horas de contacto com os pacientes.

Acrescem a estes valores as horas previstas para consultas simuladas, nos três primeiros anos de ensino.

2. Número de professores.

A qualidade do ensino será garantida por um corpo docente altamente qualificado e com formação específica para o ensino no método atrás referido. Existe o compromisso escrito com mais de 170 docentes, habilitados com as qualificações doutorais

necessárias. Os seus presentes compromissos serão revistos individualmente aquando da criação do curso, garantindo a compatibilidade de horários com a acumulação de funções, o que é, aliás, normal nas restantes Escolas e Faculdades de Medicina portuguesas.

Os mais de 170 docentes já comprometidos, asseguram um total de 26.500 horas estando, para além do mais, previstas 3.000 horas que serão ministradas por docentes convidados, que incluem palestrantes especializados em certas áreas e membros das equipas hospitalares que darão apoio ao ensino prático durante as rotações e estágios clínicos.

3. Articulação com os hospitais

O ensino clínico decorrerá predominantemente no Grupo Luz Saúde, compreendendo 24 unidades de Saúde (1 pública e 23 privadas), **com um total de 1.650 camas** (418 públicas e 1.232 privadas) e **não 760 camas** como referido no artigo do Público de 30 de agosto de 2019.

Este é um dos maiores grupos de saúde portugueses, incluindo 24 hospitais e clínicas em Portugal Continental, um hospital geral gerido em parceria público-privada e 2 hospitais dedicados a reabilitação. O Hospital Universitário, que cumpre todos os requisitos legais para o ser, será o Hospital da Luz de Lisboa. Este hospital tem de momento 229 camas, mas com a expansão que será completada em final de 2019, terá 420 camas. Os Hospitais da Luz Setúbal, Oeiras e Arrábida têm mais 200 camas disponíveis para o ensino clínico e o Hospital Beatriz Ângelo, gerido em parceria público-privada, conta com mais 418 camas.

No entanto, muito do ensino clínico será feito também em ambulatório, durante as consultas. Para este efeito, a nova Faculdade também contará com as unidades Hospital da Luz Odivelas e Amadora. Já está elaborado o plano de distribuição dos estudantes nas rotações e estágio clínicos e não foi encontrado nenhum constrangimento de colocação de estudantes, mesmo sem contar com a expansão do Hospital da Luz Lisboa. O facto de estes hospitais terem idoneidade para formação de internos em várias especialidades, incluindo Medicina Interna, atesta a suficiente variedade de patologias necessária para o ensino de medicina.

4. Formação em Inglês

Os primeiros três anos serão lecionados em inglês, que é a língua universal da ciência. É muito importante o domínio do inglês para um médico poder estar atualizado e colaborar a nível internacional. Naturalmente que o contacto com os pacientes em Portugal será em português e por isso, todos os estudantes que não sejam fluentes em português terão obrigatoriamente formação disponibilizada pela UCP e de comprovar a sua fluência antes de iniciarem o contacto clínico no 3º ano, aliás como explanado no pedido de acreditação submetido.

Estamos certos que a proposta da UCP garante uma elevada qualidade do ensino de medicina. No atual contexto nacional, em que é patente a falta de médicos e sobrelotação das atuais Escolas de Medicina, é urgente expandir a oferta formativa, dando liberdade de escolha aos jovens, evitando a emigração forçada e produzindo bons médicos para a população portuguesa. Estamos confiantes, aliás, que a A3ES, cujo pelouro é avaliar e garantir a qualidade do ensino superior no país, reconhecerá a qualidade da nossa proposta.